

Sociedade  
 Martins Sarmento  
 off.  
 or. constantine

### MORALIDADE AOS DOMICILIOS

---

Desde que pelo nosso direito constitucional se incubiu a El-Rei a cerimonia abarytonada da abertura do parlamento por um discurso programma e desde que o jornalismo firmou como praxe sagrada a explanação rethorica e sempre honesta do seu fim no numero inaugural, o *ménu* pertenceu de vez, como integrante, aos costumes nacionais.

Qualquer manifestação cerimoniosa da vida publica que se não inicie, em primeira solemnidade, pelo cosinheiro, que declame quais os pratos de convicção, desassombro e independencia que se vam servir, é uma manifestação desprezível e tacanha, quando não attentatoria dos direitos d'este povo.

Embora queiramos respeitar, em vassalagem, de cócoras, esse principio da soberania popular, somos obrigados a confessar que, ao contrario de vós, Meus Senhores!, nos deixamos guiar cegamente pela nossa vontade — uma vez que reconhecemos a luta inaproveitosa de todas as doutrinas que contrariam o determinismo e estamos certos de que a irresponsabilidade criminal é o futuro da investigação juridica.

Somos, pois, irresponsaveis.

Sabemos apenas, e é muito pouco, que nos determina um odio insaciavel á sociedade vimaranense que, a partir do seu symbolo até o mais futil dos seus actos quotidianos, é a mais detestavel, a mais hypocrita, a mais ignorante das sociedades provincianas.

Juramos-lhe um odio de morte quando nos escorraçou do seu seio por termos a audacia da verdade, quando nos insultou por apresentarmos o nosso amor na praça publica, quando se nauseou do nosso monoculo, da nossa cabelleira, e, sobretudo, quando pensou que nós faziamos na rua o que certa classe de homens fazem no theatro — representavamos a vida.

Mas, porque alguma coisa de util deve ter o sangue da nossa mocidade, porque desprezamos sempre a opinião das visinhas e a critica d'esses jornalistas que tantas vezes temos topado nas mais asquerosas tavernas, nós vamos hoje photographar, bem ou mal, os meios não importam, a podridão do burgo, o lixo d'esta terra, apontar-vos, Meus Senhores!, o conjuncto de factos que vos fazem bandalhos.

Havemos de conseguir alguma coisa — porque a circumstancia que vos impelle o maior numero de imbecilidades e de actos nojentos é a certeza, em que vivieis, de que essas imbecilidades e essas coisas nojentas seriam desconhecidas.

D'ora avante os fracos, que vós roubais, e as mulheres, que prostituis, terão em nós uma defeza certa, um advogado gratuito — e por isso mesmo ignorado.

Aquí não ha anonymato — nós saldaremos todas as contas, pagaremos todas as affrontas pelo unico meio que conhecemos e que respeitamos — pela imprensa, pela escripta.

E' certo que a vossa perspicacia descobriu já

como que uma contradicção entre os nossos sentimentos de odio e de defeza.

E' que nós, no odio de morte á sociedade, comprehendemos tambem que Guimarães era o berço e o tumulo da nossa vida, o meio em que o fado nos levaria, um dia, para construirmos um lar; que em Guimarães vive talvez a nossa noiva e vive a nossa amante, e, sendo assim, nós carecemos de batalhar por ellas com o mesmo enthusiasmo com que, pelo trabalho, arrancamos á natureza o pão de cada dia.

E o meio mais rasoavel de castigar será, sem duvida, como o disse Camillo e como numa folha volante, que vos maguou, escreveu um bello rapaz de um bello talento — «esta caneta de dez réis» — introduzindo-vos a moralidade em casa, levando-a lá como o carvoeiro vos leva o carvão e a lavadeira a vossa roupa limpa de manchas.

---

### NO TROTTOIR...

Brutos sem b maísculo... (Junqueiro)

Ides vêr, ides vêr passar sob um chicote,  
Cheia de lama e puz, a alma do alcaioite,  
D'esses que trazem *frak* e usam cartolla fina,  
Mais sujos e mais vis que uma reles latrina.  
Passam na rua, além, *badine* a florear,  
Charuto de dez-réis na bôcca a fumar,  
Bota de polimento e calça debruada,  
Mostrando uma flôr na *boutonière* pregada;  
Panglosses desta vida ou Tartufos malvados  
Mostram n'um riso mau os dentes infectados;  
Mas lá passam a rir, cynicos e farçantes,  
Pregando um pontapé na alma das amantes...  
A's tardes, formam grupo ás portas dos cafés,  
Exibindo, pimpões, os seus oiros-*plaquets*;  
Deixam ficar em casa triste e dolorosa,

Cheia de magoa e dôr, essa que é sua esposa,  
Apagados no olhar aquelles doces brilhos  
Que fizeram florir a bôcca dos seus filhos!  
E elles, sensuais noivos de Rigolboche,  
Vão-se atirar, então, nos braços do deboche,  
Comprar dos beijos vis, o epilectico fôgo,  
Co'o o oiro que roubaram p'las mesas do jogo...  
E, á noite, quando a esposa — a alvorada do lar,  
Muito mais santa até que as virgens do altar —  
Pallida e magra e triste, exanime e cançada  
D'essa lucta do dia, tragica e malvada,  
Lhes abre n'um sorriso os labios anhelantes,  
Elles entram aos bordos, ebrios e farçantes!...  
Outros andam por hi roubando infamemente,  
Covardemente, brutalmente, torpemente,  
A virgindade sã das loiras raparigas  
Que sabem consagrar a ancia das cantigas  
Que os poetas d'amor, do sonho e da illusão,  
Compoem, ao luar, para o seu coração...  
Estes os *dandys* são; os outros, os Burguezes,  
— Barriga que parece ao fim de nove mezes,  
De palito a dançar na bocca emporcalhada —  
Como *fizeram* muito, ora não fazem nada...  
Limitam-se a passar as tardes no jardim,  
Olhando alem S. Pedro — a torre de marfim —  
Onde esperam achar seus lugares reservados  
Por terem feito já, milhares de desgraçados...  
P'ra elles tudo é doido e patife e assassino...  
Se lhes passa na frente algum perfil divino  
Das que têm o olhar de firmamentos, cheio,  
Só podem reparar na grandeza do seio,  
No modo de mover as ancas virginais,  
Se tem um pé gentil... se quer muitos *reais*...  
Idiotas sem nome, hypocritas, devassos,  
Que tomais muito a serio o papel de palhaços,  
Mordei-vos cruamente e vinde-me escutar,  
Que a vossa expiação cruel vai começar  
Entre palmas de troça e grandes gargalhadas,  
Ao som do nosso hymno — o som das chicotadas! —

## CONTOS

### I

#### A MULHER DAS SEDAS

---

A forma vaga sem ondulações, o perfil esquelético e feio não mereceram ainda ao «Independente» umas quadras buriladas e sentidas, como a sua virgindade a entrar, a desafiar o tumulto não accordou ainda em corações de moços qualquer banal alvorada de amor piedoso, de cartas mysticas, de beijos luazentos e algidos no seu platonismo.

Ora, uma noite, á hora da musica no Jardim do Toural, quando vi passar o seu luxo, correcto na monstruosidade, duma idealisação de pregas, e lhe senti o tom frio de alheiamente e de cansaço, e reparei no cavado das faces, na ironia do mostrar constante dos dentes, que não sam perolas d'ophr, nem tampouco se assemelham ao reclamo, em grande formato, dos manos Jacintos, a sua alma hysterica e mimosa, o seu fallar emelhecido e, sobretudo, o seu criterio artistico na escolha dos enfeites, dos laços, das flores, das rendas, dos vidrilhos, arrebataram-me a alma.

Era uma mulher assim, tam abstracta e tam magra, tam opulenta de sedas, tam cuidada de adornos, de uma face lyrica e medieval, a quem as mais mulheres gentilmente conheciam apenas pelo primeiro nome, e de que nós todos ignoravamos a procedencia e a vida, era uma mulher assim que a minha mocidade havia sonhado ardentemente, pacientemente, todas as noites, entre insomnias, a enfiar cigarros.

Só ella, ella unica, podiar saciar a minha sede louca de magnificencias, de palacios encantados, de camaras ricas de ebano, largas salas de pinturas bucolicas, crystais magnificos onde se reflectissem as minhas joias, de um sequito enorme de creadagem escravizada, senhoril na farda de galões chics, de confortaveis banheiras de marmore onde o meu corpo se lavasse em perfumes, de jantares austeros, longos, afrancesados e de ceias soberbas em que eu bebesse os mais preciosos champagnes, os mais verdes absynthos, os mais velhos cognaces, os mais roxos abricotines, a sua bocca unida á minha bocca, as linguas a brincarem com gottas de Rhum, os meus labios a suguarem no seu seio golos de Malvasia, Madeira, Porto, Xerez ou golos de benedictino, lucca ou licor de banana. E, depois, ebrios de amor, de mayonaise, de camarão, de lagosta e de ostras, ella a recitar-me, na sua voz envelhecida, roucamente, sentimentalidades preciosas, as titilações sublimes com que o meu amor lhe electrísara o corpo magro, as faces cavas, os olhos miudos; eu a envolver-me, a ennovelar-me, a desaparecer nas suas sedas magestaticas, a afagar-lhe as *mitenes* finissimas, a buscar em cada prega uma emoção artistica, uma nota sangrenta, guerreira, suave, idylica, podendo apenas monoſyllabar-lhe, a proposito como echo dum phantasma, o que me escaldava o peito, me desnorleava a razão, me fazia chorar, me fazia rir. me arremesava ás trevas e me dependurava a alma enlre myriades de arcos — voltaicos.

.....  
Poucas noites depois, havia tambem musica, na impossibilidade tantalica de occultar por mais um só instante tantos e tam infinitos projectos de sol, de impetuosidade, de asiaticismo, confidenciai a um bom amigo, velho, intelligente e honrado, a grande

angustia de ter concebido um futuro assim risonho e de não têra udacia, cavalheirismo ou gentileza, talvez fado ou desgraça, de não o realisar, de não o realisar um dia.

Então o velho intelligente e honrado, comprehendendo o martyrio da minha alma, o desfortunio a que me votára o coração, teve um sorriso piedoso e enygmatico, poisou-me carinhosamente a mão no hombro, esperou que eu anciosamente lhe perguntasse o que elle ardia em ancia de dizer-me, teve uma tremura paternal na voz e, acabada apenas uma phrase, que me dilacerou como lamina d'aço mal afiada, que me torturou como me não torturaria o mais terrivel dos castigos da inquisição, que me fez estalar o cerebro de dor e me convulsionou o arca-boiço numâ expectoração de sangue ao arrancar de uma tosse violenta, o pobre velho viu-me cair desmaiado, inerte, frio como marmore, pallido como a morte, enquanto os musicos atacavam com fogo uma rapsodia pittoresca.

.....  
Na manhã seguinte, ao abrir os olhos no meu leito solitario, senti uma fraqueza enorme, uma ardençia exquesita no olhar, uma seccura aspera na lingua.

E, accendendo um cigarro, eu pensei que, em verdade, desse episodio da minha vida, de que eu vivera alguns dias, restava apenas aquella sensação maguada, de surda-revolta, de saudade indefinida que nos accomette ao terminar um sonho longo, entre peripecias soberbas, aos tombos, imaginação desgarrada, viagens instantaneas, panoramas vertiginosos.

Aquella mulher esqueletica, magra, fina, que traça as mais ricas sedas, que tem phantasias de vestuarios, que sabe, como raras, a difficilima arte dos enfeites, que se adorna com gracilidade, que se

perfuma com galanteria, de faces pallidas e cavas, trigueira, de dentes a sorrirem-se numa eterna ironia, que passeia o Jardim do Toural todas as tardes, que poisa nos bancos como as figuras esbeltas das telas, aquem as outras mulheres tratam gentilmente apenas pelo primeiro nome, que mora em rua ignorada, de que ninguem sabe a vida, que lembra pela virgindade a entrar pelo tumulto aquellas coisas divinas da ceramica antiga, que falla envelhecida-mente — essa mulher não come para se vestir, para se apresentar vaidosamente, coberta de sedas, magestática, deslumbrante no seu luxo, cheia de phantasias nas suas pregas, cheia de delicias nas suas rendas, que sam como que o caixilho da sua fealdade e da sua quasi velhice. Essa mulher, que-me arrebatou aos gabinetes reservados do Tavares ou do Zé da Linha, passa tormentos de fome, recusa-se alimentos, avára para tudo, indifferente á miseria e ao gozo, aos homens e á natureza para passear, todas as tardes, o Jardim do Toural na sua figura olympica de coirão que se engalana das mais subits, mais artificiosas, mais epicas sedas. . .

---

*Em que se consideram as novenas do menino como uma farça immoral e se prova ao sr. Administrador do Concelho, em termos amaneirados, por varias razões philosophico-juridicas que os morteiros e os sinos incommodam.*

E' precisamente agora que a nossa alma envelhece na doença, que um terço de vida se vai perdendo na crapula das tavernas, agora que temos a cor pallida que dá o vicio e a aguardente, que gastamos longas noites invernais em passeios de re-

morso pelas ruas solitarias, a olhar os predios adormecidos, impotentes e degenerados, conhecendo toda a lubricidade da mulher, que sabemos em demasia a attracção fulgente e setinosa das formas e das linhas, que temos o olhar vermelho e os dentes sujos, que mais nos encanta essa festa tam serena e suave do nosso lar, entre caricias que já nos vam faltando, e doces palavras que nos desa costumamos de ouvir.

Já nos sam indifferentes os prazeres, porque nos saciamos de goso, e, mais do que nunca, nos amenisa o conforto do vinho, a neve a cair pelas ruas, os pobresinhos a ceiaem um pão molhado em lagrymas, a lua muito branca, de uma harmonia celeste as torres das egrejas; já nos irrita a continua imbecilidade, tanto maior quanto já inutil, do bacalhau ás sextas-feiras, e comemos fartamente, um por um, a cada prato, muito bacalhau; já nos enfastiam as noites de ocio, desprendidos do mundo, esquecidos os livros e os cigarros, as sombras das esquinas, os vadios nossos amigos, os coveiros nossos irmãos, e passamos inteira essa noite a contar banalidades mil vezes repetidas, a relembrar as pieguices da infancia, as coisas que partimos, as peças que pregamos.

Commove-nos de veras a sancta e patriarchal solemnidade d'essa noite, a noite dos nossos parentes, dos que amamos, dos que sam vivos, dos que morreram já. E' a festa da familia, a nossa festa, a festa de toda a humanidade, festa tam pura e tam desataviada que nos recorda o christianismo antigo, o verdadeiro christianismo, em que não havia seitas e scismas, nem pregadores que insultassem Zola, nem jornalistas que tivessem a mania dos classicos e escrevessem asneiras enormes em tom de superioridade.

E como é radical, profunda, dolorosa a diferença da verdade que se ensinava e se ensina!

Tudo o que de bom havia na *religião nova*, que era tudo o que contribuía para educar e aperfeiçoar o homem—o unico fim da religião—, perdeu desde que desapareceram os apóstolos e desde que se edificaram as cathedrais faustuosas. E assim, para solemnizar o natal, inventaram-se umas representações, com comparsaria, umas operetas de má musica, á laia das farças dos velhos paços ducalis.

Gil Vicente depois de representar na camara da Raynha, que estava de parto, vai representar num tablado erguido numa igreja ao nascimento do menino!

Mas Gil Vicente era um poeta, entretinha, tinha intelligência para arrebatár, emocionar, e as representações de S. Domingos com letra de poeta ignorado, quadrinhas esfomeadas, e musica de ferrinhos e pandeireta, não prende, não emociona.

Essas representações nem sam artisticas, nem sam religiosas.

Não sam artisticas—um scenario velho e mal pintado, umas nuvens de algodão em rama, aqui e ali um candieiro de petroleo a semelhar uma estrella, caixotes de velas borrados de cal e areia em forma de castellos, arcos estytisados, abobadas de farrapos; as cantoras, umas pobres creancinhas que tremem de frio, toem por caracterisação as tolices das pulgas, dos percevejos, arranham-se por causa dos piolhos, pintadas a tintura d'iodo por causa das frieiras, os bracitos nus, roxos de frio, magros, a pelle colada aos ossos, os cabellos cheios de banha em aneis enrolados a chumbo, uns *maillots* descarnados, uns ouropeis sem graça e sem côr, a gritarem, a berrarem, muito confrangidas e serias, numa voz aflautada, aos espirros, a tremem de medo, uns versos

burlescos, sem intenção, sem grammatica, sem fim. Se houvesse ao menos uma gaita-de-folles! Mas qual — ferrinhos — tim, tim —, e, lá em cima, no coro, uma desharmonia na banda da harmonia ou da Boa-União.

E para que serve isto?

Essa é boa. Dezembro é inverno. Em Guimarães não ha cafês. Em Guimarães não ha clubs. Em Guimarães não se toma chá. O Jardim fecha cedo e se estivesse aberto era tolice — em dezembro não se passeia no Jardim. Em Guimarães não ha theatro. Guimarães vai para S. Domingos passar a noite, cavaquear, namorar, ceiar, arrotar o chylo e ver o magnifico espectaculo das creancinhas cheias de pulgas.

A snr.<sup>a</sup> A. despediu a creada, a snr.<sup>a</sup> B. mandou fazer um vestido, a snr.<sup>a</sup> C. comprou umas piugas para o marido, á snr.<sup>a</sup> D. morreu o gatinho, a snr.<sup>a</sup> E. apanhou uma constipação — e, por ventura estas senhoras não se ham de dizer estas coisas? Não tem o intelligente e distincto academico F. namoro com a prendada e virtuosa donzella H.? Não acabou já o seu trabalho diario o snr. I.? Para onde hade ir conversar o snr. J.?

Para S. Domingos — ha novenas, vamos a S. Domingos.

— «Onde appareces tu, logo?»

— Depois de jantar vou para S. Domingos.

— Vais á novena?

— Não vai lá a minha ella?

— Diz-me, meu amor, quando me tornaas a fallar?

— Amanhã na novena.

— Quando me traz o meu fato?

— Amanhã.

— Quero-o ainda hoje para ir a novena.

— Vou partir a cara áquelle patife.

— ?

— Esteve toda a novena a olhar para o bolso da *minha senhora*.

— E que tinha o bolso?

— Era na saia. Estava aberto.

E aqui está para que servem as novenas do menino — para as meninas arranjarem menino, e para as velhas e tementes a Deus se morderem de inveja a ponto de irem para casa dormir com o retrato do seu amado, o amado da sua mocidade, que já casou e é pai de nove filhos.

---

Senhor Administrador do Concelho  
de Guimarães.

Quando um incidente feio da nossa politica vos instituiu no honroso encargo de delegado e representante do governo e do governador civil (art. 269 do Cod. Administ.) nesta terra de Guimarães, nós, e os seus mais cidadãos, ficamos esperançados em que se restabeleceria a paz e modorra das coisas publicas. Poderiam as conhecidas e immutaveis rameiras passear impune os seus cabellos gordurosos e as saias de ganga, ás horas mais vivas, os largos mais movimentados; poderiam as mulheres das sardinhas atormentar os burguezes honestos com esses palavrões infames, que elles, honestamente, gritam ás esposas, antes de adormecerem, pensando nas irregularidades do cambio; puderiam as tricanas insul-

tar o «Fole» e arrancar-lhe aquelles vis estridulos de gargalhadas parvas; puderiam os carrejes despir a blusa e arrancar o numero; puderiam abarrostar-se os tascos de malvados e galderias, que deciltrassem, semcerimonia e sem sobresalto, quantos cagões lhe consentisse a bolsa e o credito; puderiam certos marialvas atropelar excursionistas, manhã ainda, esposa em casa, alem no Cavalinho. Essa esperança alegrava-nos porque, soltas as linguas, violadas as posturas, Guimarães seria Guimarães — essencialmente ordinaria cheia de lama, analphabeta e malcreada; essa esperança alegrava-nos porque teriamos todos os dias aso de ler, em correspondencia, as bravatas de um heroe argamassado a esta terra pela sua dignidade, a lutar pela morigeração dos costumes num estylo de conselheiro Accacio em mistura de Poema Cavallão, a expôr eternos escandalos — vasos de urina despejados sem aviso, marido e mulher a socarem-se em pleno Jardim, bebados cantando obscenidades repelentes.

Porque, Ill.<sup>mo</sup> Senhor, a terra por que velais é positivamente caracterisada por esse conjuncto abjecto de factos.

Mas não — os executores das vossas ordens multam as rameiras, multam as mulheres das sardinhas, obrigam á blusa e a numero os carrejões, prendem os bebados — embora, todos os dias, nós tenhamos de admirar os cabellos gordurosas, aprender novas obscenidades, ouvir os arrancos angustiosos e cecuegentos do idiota e esmolar a galderia que se nos attira aos braços para não experimentarmos a navalha barata dea mente.

E, embora contrariados, num meio que não é o nosso, carecidos de bravatas e de facadas, nós somos os primeiros a cantar a vossa força auctoritaria ainda mesmo que essa força se traduza em amavio-

sas serenadas de violas, ferrinhos, flautas e rebeca, em mil encarceramentos de batoteiros que, ao dia seguinte, voltam para o café de lépes em que jogam, na apreensão de uns bilhetinhos protestantes que não offendem a Carta Constitucional no seu art. 6.º e na carta aberta no Barrozo, no Cosme, no barato para as despezas das vossas correrias administrativas.

E' essa força que nos anima, Ill.<sup>mo</sup> Senhor, a vir hoje incomodar-vos reclamando a vossa attenção para uma pulhice atroz, funerea, neriana.

Houve, tempos idos! um nosso collega que, como se achasse hospedado no Hotel do Tournal e como quer que o enfastiasse, ou espartasse o sino da Misericordia, aos domingos, chamando para a missa das 11, reduziu o trabalho ao sineiro a meia ração de badalo.

Ora o facto è que, desde que vivemos, nós somos obrigados a receber a folhinha e, ao que nos consta, o snr. Dr. Abel d'Andrade não se lembrou ainda de obrigar os homens de Portugal a andar apar das coisas da sachristia, nem tais coisas fazem parte do ensino publico visto não se eucontrarem para tal fim expressas em diploma algum official.

Accresce que nós nos deitamos tarde — ou porque os livros nos prendam á banca, ou seja porque jogassemos largas horas a sueca, o bilhar ou a bisca lambida, ou seja porque os bordeis e as tascas nos demorassem. Logo de madrugada, escuro ainda, quando nos regalavamos no melhor do somno, não nos doendo os callos, quando a nossa cabeça repoi-sava mais docemente no collo da nossa mulher — esposa, amante, tolerada —, quando assistiamos, em sonho, Ill.<sup>mo</sup> Senhor, ao desfiar da nossa gloria, mundos d'oiro, harens de fadas, um lugar d'ama-nuense, um lugar de varredor, a herança do tio, a

carta da noiva, rivais passados a espada, a taluda, quando, como ensina Langel, nessa perda momentânea da vontade e da intelligencia, presos ás mais febris hallucinações, encontramos dentro em nós the-soiros ignorados — eis que rebenta a mais estrepitosa, a mais sonora, a mais retumbante, a mais satânica, a mais alacre das bimbalhadas, os sinos de S. Domingos, os sinos da Oliveira, os sinos de S. Payo, os sinos das Dominicas, o sino de S. Pedro, os sinos da Misericordia, os sinos de S. Damazo, os sinos do Campo da Feira, os sinos do Anjo, os sinos de Guimarães, os sinos de todo o mundo a badalarem desenfreados, damnados, epileticos. E logo um estrondear incrível de foguetes, de morteiros, de bombas, a pyrotechnia a estostrar no espaço.

Arremessamos, loucos de desespero e impotencia, as botas, os chinelos, os travesseiros, as calças, sem conseguirmos emmudecer essa epopeia infernal de sons.

Isto não pode ser!

V. Ex.<sup>a</sup> que gosa de uma fama justa de pacatez, que rega as suas roseiras, que ama o capote á hespanhola e o chapen de côco, V. Ex.<sup>a</sup> que se deita regularmente ás 9 horas para se levantar ás 9 horas do dia seguinte, V. Ex.<sup>a</sup> que sabe, bem melhor do que nós que não ha publicista algum que de preferencia se dedique ao direito administrativo — Bonasi, de Foaq, le Blari, Ducroq, Vivieu, Posada, Piernas Hurtado, Cantamaria de Paredes, Colmeiro — que aconselhe o barulho como meio de aperfeiçoamento de costumes, e decorou os paragraphos 15.<sup>o</sup> e 16.<sup>o</sup> do art. 278 do Cod. Administ., V. Ex.<sup>a</sup> que é honrado, honesto e conservador — não pode consentir tal coisa.

Nós queremos dormir snr. Administrador do Concelho de Guimarães!